



Marta Millà

Nasci em Barcelona, no bairro de Gràcia. O meu pai tinha uma livraria de teatro muito bonita, na rua de Sant Pau, e ali nasceu o meu primeiro amor: o teatro!

Sou atriz. Gosto de meter-me na pele das personagens e ver a vida através de outros olhos. Fiz teatro, cinema e televisão.

Aos dezassete anos li *Siddharta*, de Hermann Hesse, e um friozinho na barriga anunciou um novo amor: o budismo. A meditação é para mim tão importante como o ar que respiro.

Também sou terapeuta Gestalt. É uma maravilha poder acompanhar as pessoas no seu crescimento pessoal e ver como se tornam cada vez mais livres.



Rebeca Luciani

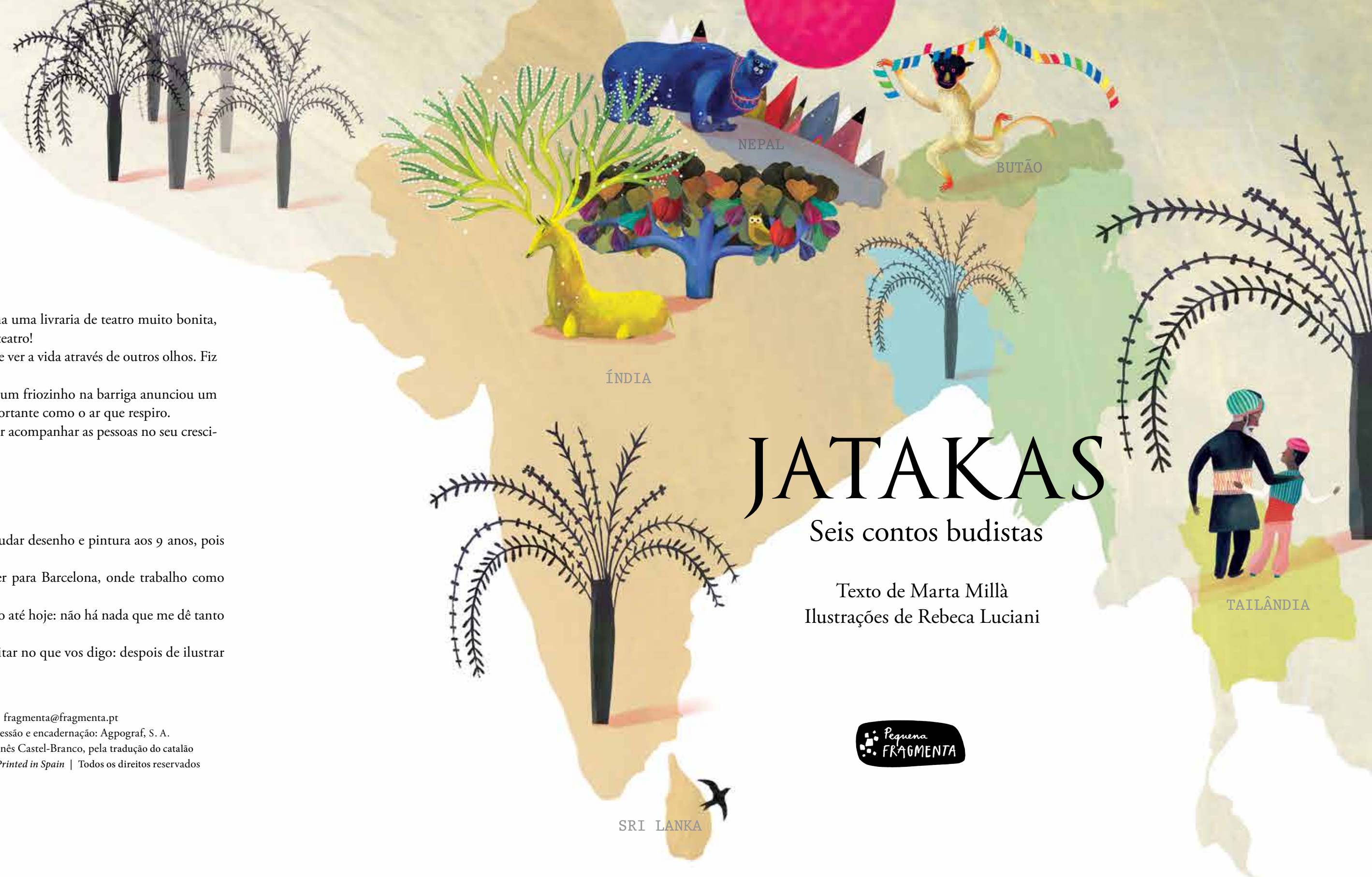
Nasci na cidade de La Plata, na Argentina. Comecei a estudar desenho e pintura aos 9 anos, pois já nessa idade era aquilo de que mais gostava.

No ano 2000 decidi atravessar o Atlântico e fui viver para Barcelona, onde trabalho como ilustradora e dou *workshops* de ilustração.

Este espírito aventureiro e visual tem-me acompanhado até hoje: não há nada que me dê tanto prazer como viajar e desenhar em diferentes paisagens.

À Índia ainda não tive a sorte de ir, mas podem acreditar no que vos digo: depois de ilustrar este livro, é como se já tivesse lá vivido.

Publicado por Fragmenta Editorial | Plaça del Nord, 4, pral. 1.ª | 08024 Barcelona | Espanha | www.fragmenta.pt | fragmenta@fragmenta.pt
Coleção: Pequena Fragmenta, 12 | Diretora da coleção: Inês Castel-Branco | Primeira edição: março de 2017 | Impressão e encadernação: Agpograf, S. A.
© 2017 Marta Millà, pelo texto e o «Guia de leitura» | © 2017 Rebeca Luciani, pelas ilustrações e a capa | © 2017 Inês Castel-Branco, pela tradução do catalão
© 2017 Fragmenta Editorial, S.L., por esta edição | Depósito legal: B. 2.684-2017 | ISBN: 978-84-15518-67-9 | Printed in Spain | Todos os direitos reservados



JATAKAS

Seis contos budistas

Texto de Marta Millà
Ilustrações de Rebeca Luciani

Pequena
FRAGMENTA

SRI LANKA



Há muitos, muitos anos, nasceram no sudeste asiático uns animais singulares que tinham poderes mágicos. Conta-se que por onde passavam transformavam as sombras em luz porque contagiavam todos os seres vivos com a alegria e a bondade dos seus corações.

Tal como as estrelas cadentes que cruzam o céu nalgumas noites de verão, fascinando miúdos e graúdos de todo o mundo, estes animais maravilhavam todos aqueles que tinham a sorte de os ver, pois à sua passagem deixavam um rasto brilhante de póis dourados.

Eram seres tão especiais, tão cheios de magia, compaixão e beleza, que a sua simples presença transformava todas as más intenções.



O veado dourado

O denso bosque de Kanha, situado na Índia central, era antigamente o território de caça preferido do rei Manu. Naquele bosque vivia a grande família dos chamados *veados de doze hastes*.

Um dia, do ventre da mãe mais jovem, nasceu um veadinho dourado. Com o passar do tempo, as suas pequenas hastes foram ficando grandes e majestosas até que, coroando o seu crescimento, uma fina capa de brilhantes passou a decorar-lhes as pontas. O veado tinha crescido! A sua beleza cativou de tal maneira a família que decidiram chamar-lhe *Príncipe Dourado do Bosque*.

O rei Manu gostava de comer carne de veado. Todos os dias, galopando num cavalo negro e acompanhado pelo seu séquito, ia até ao bosque de Kanha atravessando os campos de arroz que se estendiam em redor das terras do palácio. Quando os homens lá chegavam, lançavam flechas em todas as direções, até que uma acertava em cheio e um veado caía no chão ferido de morte.

Os camponeses estavam preocupados porque sempre que os cavalos passavam pelas suas terras destruíam as plantações. Desesperados com esta situação, numa noite de lua nova rodearam o bosque empunhando tochas, espadas e lanças. Fizeram imenso barulho para espantar os veados e afastá-los dali, e depois conduziram-nos até aos bosques do palácio, onde os aprisionaram.

Na manhã seguinte, o rei Manu e a sua esposa foram dar um passeio pelos seus jardins. Viram uma enorme manada de veados que os olhavam com espanto. Um deles era dourado e tinha um olhar diferente que os deixou maravilhados. A rainha apaixonou-se logo por ele.

— Estes olhos contêm todo o Universo — disse. — Temos de proteger este pequeno animal para que ninguém lhe faça mal.

A partir desse dia, o rei Manu pediu ao seu cozinheiro que fosse ele próprio procurar ao jardim do palácio os alimentos para cada refeição. Mas o cozinheiro e os seus ajudantes tinham pouco jeito para caçar e muitas vezes feriam outros veados com as suas flechas.

O Príncipe Dourado, ao ver o que se passava, disse à sua família:

— Meus queridos, muitos dos nossos irmãos estão a morrer em vão. Já sabemos que, mais cedo ou mais tarde, seremos executados. É esse o nosso destino. Mas poderíamos evitar muito sofrimento se nos oferecêssemos voluntariamente.

A família inteira concordou e, a partir desse momento, todos os dias um dos veados da manada avançava até à porta da cozinha, oferecendo-se para o banquete do rei.

Certo dia, chegou a vez de uma fêmea que estava grávida. Quando soube disso, ela foi ter com o Príncipe Dourado e suplicou-lhe que adiassem a sua vez até ter dado à luz e o seu veadinho já ser crescido.

— Vai-te embora e não te preocupes — respondeu-lhe ele.

Então, o veado dourado dirigiu-se à porta da cozinha e deitou-se no chão, inclinando o pescoço comprido sobre a pedra de execução. Mas o cozinheiro tinha ordens para não o matar e, ao vê-lo ali, avisou o rei. Sua Majestade saiu dos seus aposentos, aproximou-se e disse:

— Tu não podes morrer, és especial! Que venha outro em teu lugar!





Mas o Príncipe Dourado, como conhecia a língua dos humanos, explicou ao rei a situação da fêmea dizendo-lhe que aceitava morrer em vez dela. O rei, comovido com estas palavras e com o olhar de amor do veado, disse:

— De acordo. Perdoo-vos a vida, a ti e à fêmea!

— Obrigado, Majestade — replicou —, mas o que fareis com o resto da manada? Todos eles são também especiais.

— Está bem, as suas vidas também serão poupadas! Daqui em diante são todos livres, podem regressar a casa — disse o rei, com lágrimas nos olhos.

Nesse momento surgiu a rainha, que ouvira a conversa, e pediu ao veado para ficar a viver ali.

Durante algum tempo, o Príncipe Dourado do Bosque viveu no palácio e tornou-se amigo da rainha e confidente do rei. Ajudou-os a governar o país, aconselhando-os a não caírem nunca na avidez.

A manada regressou ao bosque de Kanha e o monarca redigiu um decreto oficial que protegia todos os veados do seu reino.

Este bosque converteu-se, muitos anos mais tarde, no Parque Nacional de Kanha. Hoje em dia é o maior parque nacional da Índia central, onde o veado de doze hastes continua a ser protegido da extinção.